

#### **Aline da Conceição Dias**

*Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia do Rio de  
Janeiro, Campus Nilópolis*  
lilabiodiaz@gmail.com

#### **Verônica Pimenta Velloso**

*Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia do Rio de  
Janeiro, Campus Nilópolis*  
veronica.veloso@ifrj.edu.br

---

#### **RESUMO**

Unidades de Conservação são espaços potenciais para a realização de atividades e debates no Ensino de Ciências e voltadas para a Educação Ambiental. O presente trabalho buscou analisar a visão de Ambiente dos alunos do 7º do Ensino Fundamental da Baixada Fluminense (RJ), promovendo debates e discussões acerca das questões ambientais em seus bairros, apontando para duas UC próximas desses alunos e de como essas áreas são relevantes para toda a população. As atividades realizadas com os alunos foram: a oficina “O que tem no Ambiente?”, “Repórter por um dia” e debate sobre o “Repórter por um dia”. Os resultados apontam para uma visão de Ambiente onde o homem não faz parte do mesmo. Através da abordagem sobre as UC próximas desses alunos, foi percebido que os alunos desconheciam esses locais como áreas protegidas e que o bairro de origem desses alunos é permeado por diversos problemas ambientais.

**Palavras-chave:** Ensino de ciências. Unidades de conservação. Educação ambiental crítica.

---

## 1 INTRODUÇÃO

As atividades apresentadas nesse artigo são um recorte do projeto de minha dissertação de mestrado em ensino de ciências do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ, Campus Nilópolis), que busca compreender a visão de Ambiente de alunos do 7º ano de uma escola pública na Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro. A partir dessa visão, pretende-se propor uma maneira de aproximar esses alunos das Unidades de Conservação (UC), através da apresentação da história de duas UC próximas a sua escola em formato de livreto de Divulgação Científica (DC). Das atividades realizadas nesse projeto, serão descritas aqui três delas, que são: a oficina “O que tem no Ambiente?”; “Repórter por um dia” e debate sobre resultados da atividade Repórter por um dia. Essas atividades também tem seu foco na aproximação dos alunos do 7º de uma escola pública de Duque de Caxias (RJ) de duas UC localizadas próximas à escola desses alunos, a Reserva Biológica do parque equitativa (REBIO) e o Parque Natural Municipal da Taquara (PNMT).

Segundo a definição do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), as UC (nacionais, estaduais e municipais) são entendidas como espaços territoriais demarcados, compreendendo os recursos naturais neles contidos, instituídos pelo Estado. Essas Unidades devem ser administradas de modo a permitir a manutenção das características naturais encontradas nesses espaços, através de ações que favoreçam sua preservação (BRASIL, 2011). Assim, as UC devem garantir as condições necessárias para a promoção da Educação Ambiental, da percepção do Ambiente e atividades com fins recreativos em contato com a natureza.

De modo geral, as atividades educativas realizadas com esses alunos buscam sensibilizá-los para a importância de se conservar áreas protegidas, alertando para os perigos da destruição de ambientes naturais, também para os seres humanos, através de uma abordagem crítica das questões ambientais. As UC supracitadas têm potencial como espaços para realização de atividades didáticas, podendo ser consideradas como espaços não formais de ensino, devido principalmente a suas características naturais. Essas atividades contribuirão para ajudar na sensibilização desses estudantes sobre os problemas ambientais e sobre como os mesmos são permeados por diversas questões sociais, culturais, históricas e econômicas.

Embora difundidos como potenciais espaços para auxiliar a aprendizagem e tornar os conteúdos curriculares mais interessantes e menos memorizados (PINTO e FIGUEIREDO, 2010), o uso dos espaços não formais no ensino implica diversas questões, como deslocamento dos alunos, preparo dos docentes e recursos didáticos. É preciso considerar que a realização de atividades educativas nesses espaços por professores demanda uma organização maior, e que são necessários materiais específicos para auxiliar o docente a se programar para essas atividades. O docente deve conhecer o local aonde levará seus alunos, informar-se do horário de funcionamento desse lugar e de quais são as atividades/exposições ali encontradas, para posteriormente buscar uma conexão entre o conteúdo que será visto nesse espaço e o conteúdo

curricular utilizado em sala de aula. O professor ainda precisa organizar a saída dos alunos da escola, pedindo a autorização dos pais e buscando um meio de transporte que leve os alunos até o espaço em questão. Feito isso, é preciso analisar se o espaço não formal onde pretende levar os alunos dispõe de mediadores para acompanhá-los durante as atividades propostas nesse local, caso contrário, caberá ao próprio docente mediar essas atividades e conduzir os alunos. Com isso, muitos professores acabam por não realizarem atividades diferenciadas com seus alunos em locais fora do ambiente escolar, perdendo uma grande oportunidade de trabalhar os conteúdos curriculares de uma maneira, muitas vezes, mais lúdica e interessante.

O presente artigo tem como objetivo analisar a visão de Ambiente dos alunos do 7º da escola já mencionada, promovendo debates e discussões acerca das questões ambientais encontradas em seus bairros e de como as mesmas são permeadas por fatores econômicos, culturais, sociais e históricos, apontando também para a existência de duas UC próximas desses alunos e de como essas áreas são relevantes para toda a população. A visão de Ambiente utilizada nesse trabalho se aproxima da proposta por autores da Educação Ambiental Crítica (EAC).

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Tem-se observado um aumento da utilização de espaços não formais de ensino (museus, centros de ciências, e UC, por exemplo) para a realização de atividades diferenciadas, fora do ambiente escolar, que é um espaço formal. De acordo com Gohn (2014), deve-se voltar a atenção para as possíveis atividades na educação não formal também como forma de enriquecer e estimular a educação formal. Além de proporcionar aulas mais interessantes, a utilização de espaços não formais pode estimular o desenvolvimento nos alunos de pensamento coletivo, a formação de uma nova maneira de enxergar o mundo que o rodeia, auxiliar na criação de um indivíduo que seja capaz de lidar com os diversos entraves na vida e não buscando apenas uma formação profissional (GOHN, 2006). Para Santos e Fachín-Terán (2013) a educação não formal tem um novo significado com o uso da expressão “espaços não formais”, pois esses espaços estão sob a organização de pessoas externas ao ambiente escolar.

Além de museus e centros de ciências, as UC têm mostrado potencial para a realização de atividades diferentes das realizadas no espaço escolar. Nesse sentido, UC como Parques (municipais, estaduais ou nacionais) situados em áreas urbanizadas das cidades refletem a importância de se perceber a relação do homem com a natureza. Esses Parques apresentam uma grande importância na promoção de atividades educativas e de percepção da natureza (BUENO e RIBEIRO, 2007).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) afirmam que nos objetivos do ensino fundamental se faz necessário “que os alunos sejam capazes de perceberem-se integrantes, dependentes e agentes transformadores do Ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente” (BRASIL, 1997, p.69). Para tanto, realizar uma aproximação com a natureza é relevante. Atividades em espaços não formais podem estabelecer esse contato, necessário para o conhecimento no contexto das questões socioambientais.

Desse modo, é necessário salientar a relevância das UC não apenas como espaços não formais, mas também em sua articulação com as ações desenvolvidas nos espaços formais das escolas. Essa articulação se torna possível a partir do momento em que os educadores não somente levam seus alunos nesses locais, mas buscam aproximá-los através da promoção de atividades escolares que apresentem as UC e sua importância para toda a população, e também mostre aos alunos que é possível realizar atividades de lazer em áreas de preservação. Isso pode estimular nos alunos o desejo de conhecer esses locais com seus familiares, mesmo se a escola não puder levá-los. As UC são importantes também para atividades voltadas para Educação Ambiental, e conhecer sua dinâmica e peculiaridades poderia sensibilizar os alunos para os diversos problemas ambientais. Desse modo, os docentes de diversas disciplinas perdem uma grande oportunidade de abordar as questões ambientais de maneira diferenciada, devido aos empecilhos que dificultam a execução de atividades educativas nesses espaços.

Estudos acerca das possibilidades de reflexões e atividades educativas com o viés da Educação Ambiental Crítica em UC (BAUMGRATZ; PEREIRA; ALVES, 2016; RUSSO; OLIVEIRA; BONFIM, 2017) apontam para a necessidade de pensar as questões ambientais de maneira integrada e mais abrangente, isto é, considerando a importância de se discutir os aspectos sociais, históricos, culturais e econômicos envolvidos nas questões ambientais. Acerca da Educação Ambiental Crítica, Trein (2012) afirma que pensar a Educação Ambiental que envolva questões sociais, históricas, econômicas e culturais implica em propor novas maneiras de abordar os conteúdos curriculares, de modo que possam estimular essa visão holística da educação ambiental. No entanto, de que modo a disciplinaridade que envolve o conteúdo curricular pode ser compatível com atividades e reflexões do mundo do trabalho humano e sua relação perene com a natureza? O que se quer criar, pensando como educador ambiental, no ambiente escolar e fora dele, considerando que o espaço de prática social não está livre de neutralidade? Espaço este que é formado por relações de disputa e poder de diversos aspectos e que delinea a formação dos seres humanos conforme uma visão de mundo hegemônica?

De acordo com os PCN (BRASIL, 1997) é de extrema importância que o estudo das Ciências Naturais favoreça o desenvolvimento de atitudes que considerem a conexão existente entre os seres humanos, o ambiente e o conhecimento. Para tanto, se faz necessário considerar que essas atitudes dizem respeito a inúmeros fatores na sociedade, dentre elas a cultura, aspectos econômicos e como o homem se vê relacionado à natureza.

Estudos apontam os benefícios de utilizar como espaços não formais de ensino também as UC (COIMBRA e CUNHA, 2005; BRUM e SANTOS, 2016, DIAS, 2018). Tendo em vista o patrimônio natural encontrado nesses locais, é de extrema importância que se realizem atividades educativas, principalmente aquelas voltadas para a Educação Ambiental. De acordo com Coimbra e Cunha (2005), para melhor promover atitudes que visem a conservação e o uso consciente dos recursos naturais, é preciso cultivar novos valores acerca da utilização desses recursos pelos cidadãos, bem como conhecer suas características, pois “os valores só podem ser assumidos com base em referenciais bem definidos, quer sejam de atitudes, quer sejam de conhecimento” ( p. 4). Portanto, levar os indivíduos a conhecer e sensibilizá-los para a proteção dos ambientes naturais é de extrema relevância para o desenvolvimento de uma visão crítica e preocupada com as questões ambientais.

Embora as UC sejam espaços propícios para se trabalhar Educação Ambiental, é preciso saber que Educação Ambiental é essa. Sobre esse aspecto, são observadas três macrotendências características na Educação Ambiental: a Conservacionista, a Pragmática e a Crítica. A macrotendência Conservacionista se detém prioritariamente aos aspectos ecológicos das questões ambientais, que enfatiza o ser humano em sua condição de espécie biológica, excluindo seus aspectos sociais. A macrotendência Pragmática promove uma ação sem reflexão das causas dos problemas ambientais, apresentando a Educação Ambiental como executora de ações pontuais, como destino do lixo produzido e desperdício. Já a macrotendência Crítica entende que as questões ambientais estão diretamente relacionadas à estrutura social vigente, e que o modo como o ser humano se relaciona com a natureza é influenciado por características sociais e culturais que foram se formando através dos tempos. Essa macrotendência problematiza o modelo econômico atual, apontando suas contradições e é a que mais se aproxima da crítica ao capitalismo (LAYRARGUES e LIMA, 2011; LAYRARGUES, 2012). Assim, se faz necessário que o tema ambiente seja trabalhado com os alunos de modo a apontar suas peculiaridades de maneira crítica e reflexiva, mostrando que as questões ambientais são permeadas por diversos fatores econômicos, culturais, sociais e históricos e que os seres humanos são parte integrante do ambiente.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

Durante o segundo semestre do ano de 2018, foram realizadas atividades educativas com os alunos das duas turmas do 7º ano do ensino fundamental de uma escola no Município de Duque de Caxias (RJ). Na oficina “O que tem no Ambiente?”, que pretendeu conhecer a visão sobre Ambiente desses alunos, os mesmos foram divididos em cinco grupos de seis alunos cada. Após a divisão foi explicado o tema da oficina e cada grupo recebeu uma cartolina colorida, cola e imagens recortadas de revistas com temas variados: pessoas, animais, cachoeiras, objetos, florestas e etc. Cada grupo recebeu até seis imagens e deveria escolher qual (is) delas continha

algo/alguém que fazia parte do Ambiente. Foi explicado que os alunos deveriam colocar apenas as imagens que, de acordo com a opinião do grupo, apresentavam algo que pertencia ao Ambiente e aquilo que não fizesse parte do mesmo deveria ficar à parte. Ao final da atividade de colagem das imagens, cada grupo apresentou o cartaz construído com as figuras e explicou o porquê da escolha das mesmas.

A segunda atividade foi “Repórter por um dia”, que objetivou motivar os alunos a descobrirem as características do bairro onde vivem, para comparar a situação atual desses locais com acontecimentos e situações do passado, através da realização de entrevistas com moradores do bairro. Para essa atividade foi entregue aos alunos uma folha com cinco questões para direcioná-los durante a entrevista, são elas: 1) há quanto tempo você mora nesse bairro; 2) Quais as diferenças você percebe nele hoje; 3) Quais as melhorias que aconteceram no bairro onde você mora; 4) Quais são os problemas que você observa no seu bairro; 5) Como você acha que esses problemas podem ser resolvidos. Os alunos deveriam entrevistar pelo menos um familiar, vizinho ou amigo que resida em seu bairro há mais de dez anos e que conheça um pouco sobre o passado da região. As respostas das entrevistas foram recolhidas quatro dias depois.

A terceira atividade foi um debate sobre resultados do “Repórter por um dia”. Esse debate buscou mostrar aos alunos os resultados das entrevistas que realizaram, de modo a promover uma análise crítica por eles mesmos dos fatos mencionados por seus entrevistados. O debate teve como motivação um cartaz (de papel pardo) colado no quadro com as categorias (escritas à mão): melhorias, problemas e como resolver. Além do cartaz, foi distribuído aos alunos palavras ou frases impressas e recortadas para iniciar a discussão, onde o aluno que recebia uma palavra/frase (como por exemplo, falta d’água) deveria dizê-la em voz alta e mostrar em que categoria no cartaz ela deveria se encaixar e porquê. Os alunos foram motivados a debater sobre as palavras impressas que receberam e após as discussões, o aluno colava no cartaz a palavra, junto à categoria que tivesse relação com a palavra/frase em questão. Ao final, com todas as palavras em suas categorias, os alunos foram questionados sobre quais questões vistas no cartaz tinham relação com as questões ambientais e daí promoveu-se uma nova discussão mais ampla sobre o Ambiente.

A análise das entrevistas feitas pelos alunos foi realizada com base na análise temática proposta por Fontoura (2011) e os cartazes da oficina foram analisados com base nos referenciais teóricos sobre Educação Ambiental Crítica aqui apontados.

---

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Oficina “O que tem no Ambiente?”

Acerca da oficina “O que tem no Ambiente”, pretendeu-se promover uma atividade em que os alunos pudessem interagir com seus colegas e apresentar suas opiniões sobre sua maneira de perceber o Ambiente. A maioria dos alunos das duas turmas de 7º se mostrou tímida no momento das apresentações, delegando a um ou dois membros do grupo a tarefa de explicar o porquê de sua escolha. Alguns alunos, além de colar as figuras na cartolina também escreveram sua explicação no cartaz. A grande maioria dos grupos confeccionou cartazes (Fig. 1) cujas figuras continham imagens de plantas, animais, florestas e ambientes marinhos. Apenas um grupo considerou o ser humano como parte integrante do Ambiente, os outros grupos que escolheram imagens que apresentavam pessoas justificaram sua escolha devido à presença de árvores ou animais não humanos na figura. Um dos grupos incluiu no cartaz a imagem de um caminhão que realiza coleta de lixo, alegando que o homem polui o Ambiente. Através da análise das apresentações e dos cartazes, é possível concluir que, de modo geral, os alunos compreendem o Ambiente como um lugar formado por animais e plantas, e que o ser humano quando entra em contato com esse local causa somente poluição e até destruição. Essa visão do ser humano como destruidor também afasta o homem da natureza, visto que se atem a ideia preservacionista, onde os ambientes naturais devem ser protegidos através de seu isolamento e da proibição do contato humano. Sempre existiu uma conexão entre natureza e sociedade, isso desde o momento que o homem passou a existir enquanto ser que intervém e transforma a natureza, buscando sua própria sobrevivência e evolução (LEFF, 2005). Nesse aspecto, é importante refletir sobre ações que motivem a compreensão de que o homem é ser integrante do meio natural, sobretudo as ações voltadas para a importância de áreas protegidas, como as UC, que buscam atenuar os efeitos negativos dessas transformações.



Figura 1: Cartaz confeccionado pelo grupo 2 na oficina “O que tem no Ambiente?”.

Fonte: as autoras.

Ao final das apresentações sobre os cartazes confeccionados, foi perguntado aos alunos se sabiam o que era uma UC e se conheciam alguma próxima a seu bairro. Os alunos não conheciam o significado do termo UC, mas apontaram o PNMT como exemplo de área protegida, provavelmente devido a outras conversas sobre esse Parque anteriormente. No entanto, os mesmos ficaram surpresos ao saber que uma área que é comumente utilizada para atividades religiosas pelos moradores, também era uma UC. Esse local é a Reserva Biológica (REBIO) do Parque Equitativa, localizada próximo à escola desses alunos e que sofre danos constantemente devido à presença inadequada de pessoas. Essa informação sobre a REBIO causou divergências na turma, devido ao fato de alguns dos alunos pertencerem aos grupos religiosos que utilizam a Reserva. Acerca da ocupação humana em áreas protegidas, Teixeira (2005), aponta que, com o intuito de solucionar os danos causados pela presença humana nas UC, que é uma questão problemática na gestão de áreas protegidas, legitimou-se o termo desenvolvimento sustentável, que buscava um equilíbrio entre a utilização dos recursos naturais pela humanidade e sua preservação. Desse modo, a ideia encontrada na gênese dos primeiros parques nacionais, que era criar áreas protegidas onde não fosse permitida a presença humana sofreu mudanças ao longo do tempo, sobretudo devido à ocupação inevitável nas áreas passíveis de serem protegidas por populações humanas. Visando permitir a presença humana nesses locais, foram criadas leis que pretendiam regular a utilização dos recursos naturais disponíveis nessas áreas. Entretanto, essa proposta não foi eficaz e a questão de como preservar a biodiversidade - que é o objetivo principal da criação de áreas protegidas- em locais onde existe a presença humana ficou sem resposta.

## 4.2 Repórter por um dia

A atividade “Repórter por um dia” recebeu esse nome com o intuito de motivar os alunos a investigarem, como repórteres ou detetives, as características dos seus bairros, buscando peculiaridades mais antigas para realizar uma comparação entre essas peculiaridades e o momento atual. Desse modo, as entrevistas que os alunos realizaram foram relevantes para aproximá-los da história de seu bairro e auxiliá-los a conhecer a implicação de diversas questões nos problemas ambientais. Em sua grande maioria, os alunos entrevistaram familiares (mães, irmãos e avós/avôs), que resediam em seus bairros. As principais mudanças, consideradas positivas, apontadas pelos entrevistados (questão 2) foi a realização de obras de saneamento básico, expansão nos meios de transporte de massa, crescimento do comércio e do número de habitantes. Mudanças entendidas aqui como negativas nos bairros foram falta d’água, número reduzido de árvores, poluição dos rios e o aumento da violência. Na questão 3, as melhorias apontadas pelos entrevistados estão relacionadas em sua maioria a coleta de lixo no bairro, asfalto nas ruas, criação do posto de saúde, distribuição de água e aumento do comércio.

Alguns entrevistados afirmaram não perceberem nenhuma melhoria esse seu bairro nos últimos anos. Com relação aos problemas, os entrevistados apontaram: falta de saneamento básico, falta d’água, poluição, ruas esburacadas e o aumento da violência. Quando questionados sobre uma maneira de resolver os problemas levantados, os entrevistados responderam, em sua grande maioria, que esses problemas serão solucionados com políticos honestos e comprometidos com a gestão do município. Além dessa resposta, outras que apareceram com mais frequência foi a colocação de médicos no posto de saúde e o engajamento da população local para cobrar os governantes responsáveis e para lutar por melhorias em seu bairro.

Com a análise das entrevistas realizadas pelos alunos foi possível perceber que o aumento da violência nos bairros ocupou um grande número de respostas, tanto na questão sobre mudanças quanto na questão relativa aos problemas encontrados atualmente nos bairros. A preocupação com o saneamento básico também foi bem expressiva nas respostas e, bem como a poluição e falta d’água.

Os entrevistados associam o crescimento populacional do bairro e do comércio na região como pontos positivos, entretanto, esse crescimento amplia também alguns problemas levantados por eles, como lixo nas ruas (poluição), falta de água e rios sujos, devido ao grande número de habitantes no bairro e a falta de infraestrutura e preparo para atender a todos. É interessante perceber que questões ambientais mais “explícitas” (como falta d’água e rios poluídos, por exemplo) entram na percepção dos entrevistados como problemas. Muitas vezes, o trabalhador envolvido em seus problemas e necessidades mais urgentes não é capaz de perceber que é explorado e que é parte integrantes do Ambiente, e assim não dá conta do quão relevante é a luta

---

pela preservação de recursos necessários ao equilíbrio da vida (RUSSO, OLIVEIRA e BONFIM, 2017).

#### **4.2 Debate sobre resultados do “Repórter por um dia”**

A entrevista mencionada ainda possibilitou a realização de outra atividade, que foi um debate sobre resultados do “Repórter por um dia”. Nessa atividade foi confeccionado um cartaz, contendo três categorias oriundas de algumas perguntas encontradas no modelo de entrevista que foi entregue aos alunos. As categorias- que eram melhorias, problemas e como resolver- foram escritas no cartaz, deixando um espaço entre elas para que, durante o debate, os alunos colassem as palavras/frases retiradas da análise das entrevistas, que eram: falta d’água, insegurança, poluição, comércio, médicos no posto de saúde, asfalto, praças, água, mais pessoas, políticos honestos, união da população, coleta de lixo, educação para o povo, posto de saúde, rios poluídos, ruas esburacadas. Essas palavras foram impressas e para serem coladas no cartaz foi utilizada fita dupla face. As palavras impressas foram distribuídas para os alunos (mas nem todos receberam) e foi perguntado quem gostaria de falar sobre a palavra que recebeu. Cada aluno leu sua palavra em voz alta e depois foi perguntado em qual das categorias ele achava que sua palavra se adequava mais e depois de uma breve justificativa, o aluno colava a palavra no cartaz no quadro.

Durante o debate, mesmo quando uma determinada palavra ou frase apontava para alguma melhoria, os alunos mostravam também seu lado negativo, como a presença de praças apontadas pelos entrevistados como uma melhoria ocorrida no bairro. Alguns alunos alegaram que as praças da região ficam cheias de lixo, descartados por seus frequentadores e que os eventos promovidos nesses locais são sempre muito barulhentos. Isso também aconteceu com a frase “posto de saúde”, que foi criticada na categoria melhorias porque existe o posto, mas fica quase sempre sem médicos para realizarem o atendimento. Ao final do debate sobre onde cada palavra poderia ser colada, os alunos foram questionados sobre os benefícios reais das situações descritas como melhorias, como o “comércio”, por exemplo, que é positivo para os moradores dos bairros, mas em grande número pode causar sérios danos ao Ambiente, como desmatamento para sua construção e gasto excessivo de água, por exemplo. Os alunos ainda foram perguntados sobre quais das palavras diziam respeito às questões ambientais, e os mesmos apontaram poluição, rios poluídos e falta d’água.

A partir dessa afirmação, os alunos foram questionados se todas as questões apresentadas no cartaz também não seriam questões ambientais, e isso foi corroborado através da explicação de cada palavra do ponto de vista ambiental. De acordo com Loureiro e Cunha (2008) atuar de maneira crítica visando ultrapassar o modelo social atual, buscando uma ética ecológica e desfazer-se dos padrões dominadores e de expropriação característicos da

contemporaneidade, são desafios para todos aqueles que desejam trabalhar com a Educação Ambiental. Os autores evidenciam que não é possível pensar a Educação Ambiental sem considerar as questões sociais que a permeiam e que o Estado deve garantir essa educação para todos.

Dessa forma, é possível perceber que as discussões propostas pelas atividades aqui descritas buscaram adentrar nas questões ambientais além do meramente ecológico, apontando uma correlação entre os diversos aspectos dos problemas encontrados nos bairros dos alunos do 7º ano e problemas ambientais. Assim como acontece na educação em geral, existe na Educação Ambiental uma diferença entre o que seria formar e informar os indivíduos. Não é possível sintetizar as atividades educativas à meras ações de transmissão de informações acerca de como tornar o Ambiente um lugar melhor. Faz-se necessário formar indivíduos que possam compreender e discutir as questões ambientais, de modo a interferir nessas questões através de mudanças em seu próprio comportamento, levando à melhor qualidade de vida no Ambiente (JANKE e TOZONI-REIS, 2008). Para Layrargues (2012) ao se distanciar de sua capacidade de crítica, a Educação Ambiental passa a não levar em consideração a necessidade de pensar e interferir na gênese dos problemas ambientais, buscando apenas lutar contra as características que mais sobressaem nas questões ambientais, mas de modo simplista e paliativo. Sendo assim, a Educação Ambiental é reduzida a um mero recurso para reforçar a crença no modelo econômico vigente e ajudá-lo a manter-se constante.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados apontam para uma visão de Ambiente distinta da proposta pela Educação Ambiental Crítica, onde o homem exerce domínio sobre a natureza, mas não faz parte dela. Através da abordagem sobre as UC próximas ao bairro desses alunos foi possível trabalhar a problemática do Ambiente sobre o viés da Educação Ambiental Crítica, estimulando os alunos a se perceberem parte do Ambiente, que é permeado por questões econômicas, culturais, sociais e históricas. É preciso atentar também para a promoção de atividades que aproximem os alunos das áreas protegidas, para sensibilizá-los acerca da importância desses locais, ressaltando que o ser humano é parte integrante do Ambiente. As entrevistas feitas pelos alunos possibilitaram uma aproximação entre os alunos e as peculiaridades de seus bairros (problemas e melhorias), e os debates realizados foram importantes para apontar as UC próximas a seus bairros como áreas que devem ser protegidas.

As atividades aqui descritas são relevantes visto que auxiliam na compreensão do que os alunos acreditam fazer parte do Ambiente e de como é possível ampliar essa concepção através da aproximação desses alunos de UC próximas de seus bairros, como o PNMT e a Reserva Biológica do Parque Equitativa. A atividade “repórter por um dia” possibilitou o conhecimento do passado dos bairros dos alunos do 7º ano e auxiliou na construção da “história ambiental” desses

locais, visto que trouxe os pontos de vista de moradores desses bairros e apontou para questões além das propriamente ambientais (poluição, saneamento básico, por exemplo). O debate oriundo dessa atividade foi relevante para compreender o modo como os alunos se preocupam (e compreendem) com as questões ambientais, através de suas opiniões sobre os temas discutidos e até mesmo sobre suas opiniões acerca da atuação dos governantes de sua cidade.

## REFERÊNCIAS

BAUMGRATZ, N. D. P; PEREIRA, R. F. P; ALVES, M. P. Educação Ambiental em uma Unidade de Conservação: a visão de docentes de escolas públicas do Sul Fluminense. **Revista Ciências e Ideias**, v 7, n.2 . maio/ago 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais : Ciências Naturais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: **lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**; decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002; decreto nº 5.746, de 5 de abril de 2006. Plano estratégico nacional de áreas protegidas: decreto nº 5.758, de 13 de abril de 2006 / ministério do meio ambiente. – Brasília: MMA/SBF, 2011. 76 p.

BRUM, S. S; SANTOS, M. C. F. Atividades de campo em uma Unidade de Conservação como estratégia para o Ensino de Ciências e Educação Ambiental. VI Enebio e VIII Erebio Regional 3. **Revista da SBEnBio**, nº 9, 2016.

BUENO, N. P. E.; RIBEIRO, K. C. C. Unidades de Conservação - caracterização e relevância social, econômica e ambiental: um estudo acerca do Parque Estadual Sumaúma. *Revista Eletrônica Aboré - Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo, Manaus, Edição março/2007.*

COIMBRA, F. G.; CUNHA, A. M. O. Educação ambiental não formal em unidades de conservação: a experiência do Parque Municipal Vitória Siquierolli. Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. **Atas do V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências** - nº 5. ISSN 1809-5100. 2005.

DIAS, A. C. *O Parque Nacional da Tijuca pelo olhar discente: um panorama das visitas guiadas com alunos da Educação Básica nos anos de 2014 e 2015.* 2018. 59 f. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências) – Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

FONTOURA, H. A. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_\_(Org). *Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa.* Niterói: Intertexto, p. 61-82, 2011.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, março/2006 . \_\_\_\_\_ . Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Revista Investigar em Educação - IIª série*, nº 1, 2014.

JANKE, N.; TOZONI-REIS, M. F. C. *Produção coletiva de conhecimentos sobre qualidade de vida: por uma educação ambiental participativa e emancipatória.* **Ciência & Educação (Bauru)**, Bauru, v. 14, n. 1, p. 147-157, 2008.

LAYRARGUES, P. P. Para onde vai a Educação Ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. **Revista Contemporânea de Educação**, [S.l.], v. 7, n. 14, p. 388-411, dez. 2012.

\_\_\_\_\_; LIMA, G.F.C. Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da

Educação Ambiental contemporânea no Brasil. *Anais do VI Encontro "Pesquisa em Educação Ambiental"*. Ribeirão Preto: USP. 2011.

LEFF, E. Construindo a História Ambiental da América Latina. **Revista Esboços - Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, Florianópolis, v. 12, n. 13, p. pp. 11-29, nov/ 2005.

LOUREIRO, C. F. B.; CUNHA, C. C. Educação ambiental e gestão participativa de Unidades de Conservação. **Revista Práxis**. v. 1. Educação e Meio Ambiente – Jan/Jun, 2008.

PINTO, L. T.; FIGUEIREDO, V. A. *O ensino de Ciências e os espaços não formais de ensino: um estudo sobre o ensino de Ciências no município de Duque de Caxias/RJ*. II Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia. Artigo número 179. ISSN: 2178-6135; Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia - PPGECT, 2010.

RUSO, A. L. G; OLIVEIRA, D. A. A. S; BONFIM, A. M. *Questões Socioambientais na região do Parque Natural Municipal da Taquara: reflexões sobre a importância da Educação Ambiental Crítica*. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC –julho de 2017.

SANTOS, S. C. S; FACHÍN-TERÁN, A. O Uso da expressão espaços não formais no Ensino de Ciências. **Revista Areté, Manaus, vol. 6, n.11**, jul/dez 2013.

TEIXEIRA, C. O Desenvolvimento Sustentável em Unidade de Conservação: a "naturalização" do social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - vol. 20 nº. 59. out/2005.

TREIN, E. S. *A educação ambiental crítica: crítica de que?* **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 7, n. 14, ago/dez 2012.